

Proprietário, director
e editor

PEDRO MONTEIRO CARDOSO

ILHA DO FOGO

O MANDUCCO

Composto e impresso

NA

IMPRESA NACIONAL

CABO VERDE

Da Constituição Política da República Portuguesa (artigo 3.º, n.º 13).

«A expressão do pensamento, seja qual for a sua forma, é completamente livre, sem dependência de caução, censura ou autorização prévia, mas o abuso deste direito é punível, nos casos e pela forma que a lei determinar.»

APRESENTANDO-SE

Em nome de Deus...

É praxe dar-se, no 1.º número de qualquer folha política ou literária, a razão do seu aparecimento.

A nós, porém, aborrecem-nos as praxes.

De mais, este mensário é propriedade exclusivamente nossa.

Não nos consideramos, pois, obrigados a dizer os motivos determinantes da sua publicação.

Que o comprem, que o assinem e o paguem adiantadamente, aqueles que porventura os desejem conhecer. Que do respectivo contexto se inferem, quando expressamente se não declarem.

¿Dizer isto não será ainda programatizar?

Talvez. No entanto, assinar e pagar adiantadamente é o que convém.

Publica-se mensalmente e assim supomos podê-lo manter até onde nos permitirem os nossos limitados recursos.

Pode, contudo passar, de golpe, a hebdomadário. Basta um pequeno sacrifício por parte dos nossos compatriotas.

Custa cada tiragem de 1.000 exemplares 200\$00 escudos. Ascenda esta a 4.000 e venda-se toda, logo se atinge o desideratum.

Cada qual gasta o seu dinheiro consoante o gosto e feitiço próprios. Não há querer lhe mal por isso.

Este na tavolagem, aquele nas tavernas e bordeis, aqueloutro em funçanatas que não dispensam o grogue e o foguetório: uns por vício, outros por vaidade e todos sem utilidade, senão prejuízo, para si, para a família e para a comunidade. Se uma centésima de toda essa dinheirama atirada pela janela fóra, pudesse ser recolhida no cofre do *Manducco*, transformar-se hia este por encanto em ... diário de grande formato.

Oh! como é doce o sonhar!

Praza a Deus que vos tome, caboverdianos, o vício de o ler, não por empréstimo mas sómente pagando-o.

Amen!

EXPEDIENTE

É este número enviado a todas as pessoas de cujo nome e morada tenhamos conhecimento.

Não o devolvendo até à publicação do 2.º número, serão consideradas assinantes; e, se depois recusarem pagar, publicados para escarmento os seus nomes na lista negra dos caloteiros.

Mas estamos convencidos de que não haverá necessidade de recorrer a tão extremos meios.

Primeiro, porque só enviamos o nosso jornal a homens de bem; segundo, porque, sendo esses tais, bons patriotas, se hão aproveitar do ensejo que se lhes oferece para promover o bem da terra que os viu nascer.

Por isso já corre como axioma:

Ler e propagar o «Manducco» é dever de todos os bons caboverdianos.

Esta fôlha surge à luz, contando com o auxílio de todos e em particular com o da nossa esperançosa mocidade.

Não o mendiga, porém; e, dispensado, aceita-lo há como o cumprimento de um dever.

Nestes termos, aí ficam as suas colunas à disposição de quem quer que queira, no interesse da Colónia, expender as suas opiniões, ainda que absolutamente autagónicas às do seu director e proprietário.

Excluem-se apenas as diatribes, ver-rinas, insinuações e outros produtos semelhantes da filáucia humana.

O *Manducco* saúda efusivamente os seus colegas luso-africanos e declara que deseja manter com todos a mais estreita solidariedade.

Governador da Província

Corre com insistência ter sido nomeado governador desta Colónia, devendo partir brevemente, o Ex.º Sr. Dr. Júlio de Abreu, ex-juiz de Direito da Comarca de Sotavento.

Neste confuso momento histórico que a província atravessa, cheia de pavor pelo dia de amanhã, nesta desenfreada orgia em que se afundam tantas consciências, é para se aplaudir a investidura de Sua Ex.ª no mando supremo.

Carácter justo e enérgico, afôitamente auguramos que essas duas primaciais qualidades de administrador se hão de fazer sentir notável e proficuamente no seu governo.

Damos-lhe as boas vindas.

ECOS & NOTÍCIAS

Inquéritos

Inquéritos, sinicâncias, inspecções, nunca deram resultado algum em terras que cobre a sublime bandeira lusitana.

Porque, toda a gente o sabe, porque toda a gente falta à verdade: o que inquire e os que depõem.

Antes tudo falava, berrava, protestava. Ordenado o inquérito, já ninguém sabe cousis-sima alguma.

O ladrão de hontem transformou-se hoje, mágicamente, em um inocente, um perseguido.

Se não soubéssemos isso, ousariamos requerer em papel selado um inquérito monstro:—a todos os serviços e repartições da *Tartarinlandia*.

Na verdade, é um cúmulo de... poucas vergonhas.

Águas turvas

Pescadores das águas turvas quantos se vão por aí arrançando, ganhando a vida desavergonhadamente.

Os seus nomes? Estampa-los-hemos com o relato de suas proesas.

Os ladrões e facinoras que saem dos seus fojos a saciar os seus ruins instintos nas ocasiões de grandes catástrofes ou perturbações, quando apanhados em flagrante, é lei natural, sancionada mais de uma vez pela prática, executa-los no próprio local do crime.

Sujeitos à mesma lei quantos se vão aproveitando da actual desorganização da sociedade e serviços provinciais para se abotoarem.

Fa-los hemos executar inexoravelmente.

Da América

Vindas de New Bedford, Mass, chegaram os navios *Jeffrey*, *Matheus* e *Volant*, trazendo encomendas e passageiros.

O primeiro chegou a S. Vicente ha já alguns dias, seguindo para o Fogo com escala por S. Nicolau e Maio.

Os dois últimos já estão na Brava tendo trazido uma bela viagem e a agradável notícia de se haver tornado franca a entrada nos Estados Unidos para todos os emigrantes não analfabetos.

É caso ara parabens.

Instrução pública

Desorganizadissima, um caos em toda a província, nomeadamente no Fogo.

Honrosa excepção feita as Ex.ªs Professo-ras e a um ou outro professor do campo. O resto é isto:

Professores, professores
Oh! que farça, que entremés!
Não ensinam mas assuam
As folhas no fim do mês.

É que não falha (nem falhou) o affectivo todo o mês datado e assinado por quem compete.

Acode-nos, no lance, esta exclamação portuguesissima de E. Navarro:

Arre, malandros!

Em prol da Colónia

Destina-se esta secção ao debate das questões administrativas e de outros assuntos concernentes à Colónia.

Assim cumpre, por motivos óbvios, dar a primazia aos que dizem respeito à nossa querida Tartarílandia.

Ao ocuparmo-nos desta ilha, logo dois problemas se impõem preferentes à nossa consideração: o da viação e o do abastecimento de água.

A solução do primeiro, ao nosso parecer, não oferece dificuldades.

Em primeiro lugar, não carece de estudos e traçados novos; basta saber aproveitar com zelo e inteligência os existentes.

Em segundo lugar, não se requerem estradas carroçáveis, senão caminho de trânsito cómodo e seguro para peões e cavalgadas.

Em vez de se desperdiçarem mais duas centenas de contos de réis nas famosas obras de Santa Engrácia da estrada e porto do Vale dos Cavaleiros, aplique-se uma quarta parte à limpeza e reparação dos caminhos públicos que tão danificados e em tanta parte intransitáveis se encontram.

Talvez nunca em tempo algum as verbas das O. P. tivessem tido uma aplicação tam útil e fecunda.

A solução do segundo problema depende em certo modo da do primeiro e cumpre também ao Governo.

Estão exaustos os recursos do Município; impossível a criação de novas receitas; e o empréstimo não deve ser levado a efeito, a não ser para bодо aos pobres.

O Governo tem, pois, que cuidar do abastecimento de água às populações rurais.

Mas a captação das nascentes sobre excessivamente dispendiosa pode resultar inútil.

Os respectivos débitos vão diminuindo assustadoramente, como succede com as da Chan e Aguadinha, já canalizadas.

Quanto às ainda disponíveis, ou são muito escassas, quando não temporárias; ou brotam, as mais copiosas, como as da Praia Ladrão, Monte Vermelho, Nossa Senhora do Socorro, etc. em sítios inatingíveis ou de mui difícil acesso, na raiz da ilha, ao nível do mar.

A respectiva captação excede as possibilidades orçamentais da Colónia.

Empresas particulares... uma cantiga de políticos para enganar os papalvos.

No artigo seguinte daremos o nosso parecer, de leigo, sobre a solução do problema a que nos vimos referindo.

Por agora apenas nos limitamos a lembrar que a possibilidade das empresas já está comprovada e que so-

bretudo o que é necessário, para que os trabalhos não resultem em mero desbarato de dinheiro, é que a direcção técnica não seja confiada a incompetentes parlapatões ou a qualquer outra coisa em ões.

França e Inglaterra

Por carta recebida de S. Vicente consta que estão muito tensas as relações entre a França e a Inglaterra.

José Rodrigues Aleixo

José Rodrigues Aleixo foi um grande espirito que há poucos anos se apagou nas sombrias margens do mar do Insuão, praia deserta, povoada de lendas, cheia dessa poesia com que a imaginação do povo veste certos sítios tristes, onde o pertil vetusto e pensativo dos rochedos, as gúelas escuras das grutas e o azul retinto das águas concorrem para pôr sonhos tetricos nas almas dadas á poesia.

O seu talento poderoso, capaz de penetrar todos os problemas, de compreender todas as belezas, surpreendia a quantos, com faculdades de julgar, dele se aproximavam.

Viveu como um filósofo, encerrado na amargura serena e nostálgica de uma existência primitiva, praticando a bondade com os homens, com as aves e com os animais, dentro de uma pureza de costumes que o fazia poeta não só na alma, senão nas acções.

Nos últimos anos da sua vida, deixou o remanso deleitoso do Pé da Rocha, deixou a sombra das laranjeiras e das velhas amoreiras; deixou as grutas revestidas de musgo em que vivia; deixou velhos tios e sobrinhos que o adoravam, e foi agonizar, serenamente, lá para o extremo sul da ilha, na solitária praia do Insuão, naquella famosa gruta onde as feiticeiras iam celebrar os seus conciliábulos. Um dia uns pescadores encontraram o agonizante, estendido na areia húmida e negra da praia. As ondas vinham envolve-lo carinhosamente, como que enternecidas, como que maguadas, na mortalha fresca e alvíssima das suas espumas.

Pela noite, morreu; e no dia seguinte levaram o seu corpo frio, com os lábios mudos e os olhos cerrados para sempre, á sua aldeia. Naquella manhã a Brava vestiu-se de luto e chorou todo o dia, toda a noite seguinte, como uma mãe que chora sobre o caixão de um filho querido: começou a chover de manhã; choveu todo o dia; choveu toda a noite.

Quando o caixão ia levado para o cemitério, as torrentes pelas encostas mugiam tristemente e desciam para o mar. As nuvens desfaziam-se em água. A Brava chorava o seu filósofo, o seu poeta, o seu filho estremecido.

E. Tavares.

DECLARAÇÃO PRÉVIA

O proprietário e director desta folha é filiado num partido politico. Mas, fundando-a para exclusiva defesa dos interesses da colectividade caboverdiana, esqueceu-se de que era socialista para só se lembrar da sua qualidade de cidadão luso-africano.

Será, pois, inteiramente regionalista a orientação... politica do Manduco.

Quanto ás facções degladiantes pela fruição do mando, que continuam lá na sua tarefa anarquizante e demolidora...

Quanto aos governadores, sejam talassas ou republicanos, acata-los-hemos como altos e dignos representantes da Mãe Pátria,—contanto que não façam dos réditos da Colónia roupa de franceses. Porque senão, não.

E viva Portugal!

ATRAVÉS DA PROVÍNCIA

Ilha de Santo Antão

Situada no Oceano Atlantico, a Ilha de Santo Antão que mede oito léguas no seu maior comprimento, desde Paúl á ponta do Tarrafal, e quatro na sua maior largura, do Norte ao Sul, tem as coordenadas geográficas de 17° de latitude N. e 29° 10' de longitude O.

É a segunda ilha do arquipélago em extensão e produção e tem dois concelhos⁽¹⁾ com as respectivas sedes na Vila da Ponta do Sol e na povoação do Paúl, compreendendo seis freguesias.

Como todas as ilhas de Cabo Verde, é Santo Antão de origem vulcânica e, ue todas as suas irmãs, é ella que mais provas apresenta da sua natureza plutónica.

Por toda a parte montanhas enormes em sua maioria despidas de vegetação, picarros altíssimos, apostados áleria como sentinelas, escarpas inacessíveis de rochedos nus, esboroados em remotas convulsões, brazeiros apagados de estrondosas conflagrações vulcánicas.

É para completar este cenário sublime, em baixo o mar sempre revoltado, agitando o dorso enorme, que se desfaz contra os rochedos, em cachoeiras estupendas de branca espuma.

Todo esse conjunto, admiravel e soberbo, observado atentamente, traduzindo com toda a epotiposes o belo horrivel produz em (quem avista pela primeira vez a ilha, a mais triste e desoladora impressão,—impressão que porém logo desvanecerá, penetrando no interior e contemplando a beleza das várzeas, a luxuriante vegetação dos vales e encostas...

1906.

A. Corsino Lopes.

(1) Hoje 3.

De uma carta

Afugenta do espírito essa visão sinistra do pessimismo que, como um vento sêco, esterilizador, cresta as flores da alma e da poesia. A estas não fica mal o virem rociadas de lágrimas e impregnadas de melancolia. Serão para sempre adorados os versos de Lamartine e Musset, o divino apaixonado de Sand.

Mas tudo tem os seus limites, e o romantismo exagerado há muito que perdeu o crédito nos domínios da arte. Gonçalves Crespo, Luiz Guimarães e Machado Assis, são preferíveis a todos os choramingas piegas da primeira metade do nosso século. A reacção contra esse estado de cousas foi portanto justa, e o realismo tal como deve ser foi uma revolução utilíssima e feliz nas letras.

O que desaprovo, o que detesto é essa inepta e sensaborona poesia científica de *Ackerman* e essa outra irrisória e reles escola de Verlaine o nefelibatismo feio e desmemoriado como o seu autor.

A poesia científica é um contra-senso e Camilo farpeia-a no prólogo da «Delfina do Mal». Como conciliar a poesia que é toda inspiração e sentimento, com o enfadonho prosaísmo das sciências?

E o nefelibatismo? Que cousa de-sangraçada e tória! É o real metempsicose do gongorismo. A que decadência chegamos nós, meu Deus!

Estes homens parecem ignorar qual a missão das belas artes, porque meu caro P. M. nota-se uma grande ignorância dos preceitos da arte e da lógica nos modernos. Sim, uma grande ignorância. Dante, Shakespeare, Miguel Angelo, todos esses grandes homens que realizaram a perfeição no belo, eram espíritos altamente disciplinados. Foram perfeitos porque

eram sabios. Hoje cuida-se menos de disciplinar na lógica e na reflexão o pensamento e só assim se podem explicar os desvios, as contradicções, os absurdos, etc, que caracterizam a nossa época.

A poesia como todas as belas artes, deve fundar-se na verdade; ser espiritual; elevar-nos acima das materialidades da vida ao ideal, ao divino; deve ser essencialmente moralisadora; deve ser espontânea, inspirar-se nas grandes causas: a patria, a família, os quadros sublimes da natureza, as grandes abnegações, o amor, Deus, etc.; enfim deve ser toda sentimento, porque só assim será em poderoso motor do progresso e um índice de civilização.

Setembro de 1901.

José Calasans.

DÉFICIT

Déficit nos orçamentos domésticos, déficit nos orçamentos municipais, déficit nos orçamentos da Colonia. Da metrópole não se fala. Cresce cada dia pavorosamente.

As crispções do estômago, as necessidades dos municípios e os serviços públicos não permitem mais côrtes.

Receitas novas, como cria-las?

O comércio não quere; a agricultura não consente.

Quem manda nesta ditosa mansão de jafolos?

Eles, almas metalizadas pela avidez do ganho, eles sômente, cujos batangos acusam colossais *superavits*, capazes de fazer arripiar os cabelos a um carecal!

Já sabes agora, povo infeliz, onde é que está a verba para o equilibrio dos teus orçamentos?

Bocage e Tolentino

Um dia Tolentino, passando no Rossio, viu Bocage encostado ao umbral de uma loja, pensativo e absorto, e, aproximando-se, disparou-lhe à queima-roupa esta pergunta:

«Elmano, a lira Divina
Porque razão emudece?»

Ao que Bocage retrucou *in continenti*:

«Por que mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.»

Tolentino replica:

«Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?»

E Bocage sempre na veia:

«Um poeta com ventura
Um toleirão com desgraça.»

Sôbre a Grande Guerra

(De uma carta)

Quanto á guerra, pois que pedes a minha opinião acôrca de qual seja o factor principal da vitória:

Esse factor acho que foi a justiça da causa pela qual se batiam os aliados. Por outras palavras: a convicção que os animou, durante toda a luta, de que se batiam por uma causa justa.

A força bruta, ou antes, a força física e a força puramente material que foram postas ao serviço da causa, tinham de, fatalmente, preponderar do lado d'aqueles que tinham por si o Direito e a Justiça.

A Historia nos diz que sempre assim succedeu e não havia razão nenhuma para que o desenlace da última guerra não correspondesse á regra, de mais tratando-se de uma luta em que se achava empenhada toda a humanidade. A força bruta só momentaneamente, ou aparentemente, consegue a victoria.

Agora, porém, nem isso era possível, pois que se tratava de obter victoria em condições, que assegurassem por muito tempo o gozo da paz, e porque, depois de tantas decepções sofridas, não era de crer que as nações em luta se deixassem iludir por vans aparências numa questão que já fôra examinada em todos os seus aspectos.

(1919)

Mário Pinto.

ORIGINAL (PORTUGUÊS)

VIVA A FRANÇA!

(A Mr. Diagne, meu irmão de raça)

Entre as Nações do mundo a França é a primeira!
Do homem proclamou os imortais Direitos;
Pondo em sua defesa o muro dos seus peitos,
Com seu sangue os regou, generosa e altaneira!

E, como sempre, audaz «Paladino» do Bem,
Os Negros nela só carinhos têm de mãe!

Nos campos de batalha e da Arté e da Sciência
Teve sempre os troféus e clara proeminência.

Joana d'Arc, Napoleão, Pasteur, Hugo e Pascal,
Onde, em que historia, fulge um astro, um nome igual?

Dos povos mestra e guia,—ao som da *Marsehesa*,
No amor da Liberdade a alma divina acesa,
Luta e vence e redime, augusta e justiceira....

Entre as Nações do mundo a França é a primeira!

Ilha do Fogo (Cabo Verde)

Pedro Monteiro Cardoso.

TRADUCTION PARAPHRASTIQUE

VIVE LA FRANCE!

(A) Mr. Diagne, mon frère de race)

Parmi les Nations la France est la première,
Elle qui proclama les sacrés «Droits de l'homme»
Et, plus libre que Sparte et plus forte que Rome,
De son sang nous sauva, généreuse et fière,
En faisant de ses fils une épique muraille
Contre la Tyrannie, sur les champs de bataille.
Juste et noble toujours, les Nègres ont en elle
La tendresse et l'amour d'une mère immortelle!
A la guerre, à la paix, dans l'Art, dans la Science,
C'est elle qui toujours l'emporte! — c'est la France!
Jeanne d'Arc, Napoléon, Pasteur, Hugo, Pascal,
Dans l'Histoire, quel nom leur fut jamais égal?
Institutrice et guide à notre Humanité,
Dans son amour du Bien et de la Liberté,
Brûlant d'un feu sacré, la grande âme française,
Aux échos de nos cœurs jetant la *Marseillaise*,
Lutte, vainc et redime, auguste et justicière.

Parmi les Nations la France est la première!

Ilha de Santo Antão (Cabo Verde).

José Lopes

SECÇÃO LITERÁRIA

SAUDADES

(LORD BYRON)

(Tradução livre da tradução francesa)

Oh! Porque não eston eu, descuidada criança, na minha caverna da montanha, ou errante através da solidão sombria, ou brincando sobre a vaga azulada?

O luxo impregnado de orgulho saxonio não convêm à alma livre, que ama os flancos escarpados das montanhas e os rochedos de onde se precipitam as torrentes.

Fortuna! Recupera êsses férteis domínios, recupera êsse nome pomposo e sonoro! Eu aborreço o contacto das mãos servis; aborreço os escravos que se arrastam em roda do senhor.

Levai-me para o meio dos rochedos, que tanto amo, e cujos ecos repetem os gritos selvagens do Oceano; não desejo mais que uma coisa: é poder divagar ainda nos lugares familiares à minha juventude.

Pouco numerosos são os meus anos, e, contudo, sinto que o mundo e eu não fomos feitos um para o outro. Ah! Porque ospossas trevas ocultam ao homem a hora em que deve deixar de existir? Tive uma só vez um sonho magnífico, scena fantástica de felicidade. O' verdade! Porque tua odiosa luz me foi acordar, e volver-me a um mundo, como êste?

Amei; os que amava já não existem; tive amigos, os amigos da minha infância teem desaparecido. Oh! Como o coração é triste no isolamento, quando tem perdido todas as esperanças de outro tempo! Na verdade alguns alegres companheiros, com o copo na mão, dissipam um pouco o sentimento de nossos pezares; mas se o prazer reanima a alma, num momento de loucura, o coração... o coração está sempre solitário.

Como é triste ouvir as vozes daquelles que a posição e o acaso, o poder e a riqueza, tem unido, sem que sejam amigos ou inimigos, em volta da mesa hospitaleira!

Oh! Tornai a dar-me alguns amigos fieis, jovens, como êlos eram, e todos simpatisando comigo; e eu, deixarei por êles estas reuniões noturnas, onde o ruído se chama alegria.

O' Mulher! Ser encantador! Mulher, minha esperança, meu consolo, meu tudo! Como meu coração deve estar gelado presentemente, pois que mesmo os teus sorrisos teem trabalho para o aquecer!

Abandonaria, sem um suspiro, êste teatro repleto de esplendidos sofrimentos, para encontrar, em alguma parte, êsse calmo contentamento, que a virtude conhece, ou que com êle se ilude.

Fugiria voluntariamente da habitação dos homens... dos homens que desejo evitar, mas a que não odeio.

E-me preciso a habitação obscura dos vales; suas trevas convêm à minha alma sombria. Oh! Porque não teulho eu as azas que levam a rôla para o seu ninho!

Tomaria meu vôo para o caminho do céu; deixaria êste mundo, e encontraria a paz.

TEU NOME

(A Eugénio Tavares)

Schiller e Goethe, que se amavam tanto,
—Sublimes imortais do Pensamento,—
Amavam-se com menos sentimento
Que o que nos liga, enternecido e santo.

Dois, somos um... Mas do teu nome, enquanto
Só com a prima parte me contento,
O que resta define o teu talento,—
O génio—, tua glória e meu encanto.

Mais: se suprimo num requinte de arte,
A inicial dessa segunda parte
(Caso estranho, querido amigo meu)

Ficas sempre maior, que então és Ênio,
Junto-a de novo e então és sempre Génio,
Ao passo que eu... só fico sendo «eu»...

(31 de Janeiro de 1920)

José Lopes.

TUDO POR TI

(A querida M. A.)

Eu dera a vida por cantar o amor,
O sonho e a luz dum Bem-estremecido,
Num canto repassado de dulçor,
Num poema transcendente e nunc lido.

Em cada fôlha o azul, a aza e a flor,
O mimo e a graça dum eden florido;
Em cada estancia o som, o aroma e a côr,
Glorificando o meu amor querido.

Livro que ao lê-lo as tímidas donzelas
Fitando o céu dissessem num olhar:
O amor é Deus! Amai, brancas estrélas!

E o meu livro tão belo como um astro
—Biblia d'amor,— teria um grande altar:
Teu sacrosanto seio de alabastro.

Brava—Cabô Verde.

João José Nunes.

SECÇÃO VARIADA

Coisas antigas

O relojoeiro Jacquet Droz, de La Chaux de Fonds, na Suissa, fez um relógio para o rei de Espanha, Fernando VI, que tinha em cima um pastor com um cão. Quando o relógio dava horas, o pastor tocava flauta e o cão ladrava.

O próprio relojoeiro é que foi levar o relógio a Madrid, onde recebeu, além das despesas da viagem, 500 luizes em ouro, de honorário.

Só lh'os pagaram depois do inquisidor-mór ter examinado o relógio e declarado por es-

crito «que não tinha nenhuma mágica suspeita, nem artes de Satanaz!»

Anúncio... ratão

Num anúncio de fornecimento de artigos para um quartel, numa das nossas provincias, convidavam-se os comerciantes para a arrematação pela seguinte forma:

«Arrematam-se os seguintes artigos, a quem apresente melhores propostas:
Travesseiros para soldados de palha;
Painéis para 50 homens de lata;
Marmitas para comerem praças;
Colheres para sopa de folha;
Mochilas de soldados de madeira;
Colchões para oficiais de arame.

O amor nas nações

O português tem o amor concentrado, confiante, duradouro; a portuguesa tem o amor exaltado, constante, generoso.

O espanhol tem o amor franco, dedicado, cioso; a espanhola tem o amor voluntário provocante, passageiro.

O francês tem o amor espirituoso, alegre e prazenteiro; a francesa tem o amor irresistível, inconstante e sedutor.

O inglês tem o amor metódico, frio e precioso; a inglesa tem o amor etereo, romanesco e volúvel.

O alemão tem o amor pesado, crédulo e ingénuo; a alemã tem o amor manhoso, sentimental e carinhoso.

O belga tem o amor profundo, honesto e leal; a belga tem o amor natural, simples do coração e sério.

O americano tem o amor calculista, apressado e atrevido; a americana tem o amor tirânico, activo e caprichoso.

O russo tem o amor incompreensível, autoritário e misterioso; a russa tem o amor de chamas, de fogo e de cinzas.

Os maiores inimigos da vida

São êles o álcool e o tabaco. As gerações modernas perderam todo o seu desenvolvimento físico e estão atacadas de grandiosos males, que as affectam e affigem, devido ao álcool principalmente e tambem um pouco ao tabaco.

Acabar com qualquer desses vícios é o dever de todos os governantes. Os que não tentam faze-lo contribuem imenso para o completo definhamento das raças, que a pouco e pouco se vão depauperando.

A telegrafia do amor

A maneira como muitos namorados se correspondem é pelo olha, telegrafia descoberta muito antes da do grande inventor Marconi.

Para que as nossas gentis leitoras possam namorar sem serem observadas por qualquer intruso, vamos indicar-lhes alguns tópicos da linguagem telegráfica dos olhos:

Tê-los em movimento em frente da pessoa interessada, quere dizer: creio que há um grande abismo entre nós.

Movê-los da esquerda para a direita: a mamã pôde estar a ouvir-nos.

Movê-los em sentido contrário: nada, a não ser a morte, co:tará o nôsso amor.

Pestanejar: cumprirei a minha promessa.
Baixá-los: sé prudente e não digas que te amo.

Levanta-los para o céu: tens outra a quem amas.

Esfregá-los: tudo acabado entre nós.
Fechar um olho: há um intruso entre nós.

Passar os dedos pelas sobrancelhas: falaremos a hora indicada.

Movê-los para diversas direcções: não estou satisfeita contigo.

Fechar os olhos: não te quero ouvir mais.